

Branquitude, antirracismo e democracia: necessidades insurgentes

(Org.)

Prof. Dr. RICHARD SANTOS (UFSB)

Prof. Dr. ALEXANDRE FERNANDES (IFBA)

Profª. Dra. ANA HELENA ITHAMAR PASSOS (USP / Diversitas)

O dossiê que agora chega à sua leitura através da “Revista Espaço Acadêmico” é um conjunto de textos provocativos, propositivos e reflexivos que retrata a rebeldia de parte da sociedade, captada pela intelectualidade insurgente frente ao *establishment* branco. A esse *establishment* chamamos branquitude, com seus códigos, signos e imaginário dominante.

Ao tempo que não fere aos olhos da elite brasileira e de seus formadores de opinião, a formação nacional preferencialmente extermina a pessoa negra. Seus porta-vozes seguem bradando que a problemática brasileira se resume ao social¹, as mortes violentas, a escassez da saúde, os índices de desigualdade e o acesso fragilizado à educação tem cor, nome e sobrenome associado aos que

chamamos de territórios negros e à Maioria Minorizada².

Ainda que não seja um termo comum nas ciências sociais brasileiras, por conta de sua evolução, eurocentrismo e necessidade generalizante de aceitação nos grandes centros do Norte, podemos afirmar que, também por isso, o Brasil é um país onde impera o supremacismo branco, o apagamento dos saberes tradicionais, e o projeto de eliminação dos historicamente indesejáveis, traduzindo: não brancos, não cristãos, não heteronormativos. Como poderíamos afirmar que vivemos numa democracia consolidada e que a luta antirracista perpassa à todas às pessoas “de bem”? Por isso, também, esse dossiê é uma provocação ao pensamento crítico, à insurgência e à fuga do lugar comum.

¹ Exemplo recente foi o sociólogo conservador Demétrio Magnoli em sua coluna na Folha de S. Paulo - <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2022/01/chefe-de-diversidade-de-biden-e-o-resto.shtml> Visualizado em 09.Jan.2022

² Ver: SANTOS, Richard. Maioria Minorizada – Um dispositivo analítico de racialidade. Coleção Pensamento negro Contemporâneo, Editora Telha, Rio de Janeiro, 2020.

Ainda sobre branquitude, antirracismo e democracia neste Brasil de mais de 600 mil mortes pela pandemia da Covid-19, sob a gestão de Jair Bolsonaro e com os servidores públicos em constante ameaça e coerção, é preciso afirmar que debater branquitude e os temas correlatos no Brasil causam estranhamento e reações. Os racistas, os dominantes e aqueles que querem dominar ao negro, ao não branco, à Maioria Minorizada, acredita que esse grupo subalternizado e subjugado é inábil para analisar sua realidade, compreender os fatores determinantes e traçar estratégias de reversão da ordem estabelecida.

Assim que, com nove ensaios que versam da supremacia branca ao mito da democracia racial, passando pela eugenia e seus reflexos na cultura e mentalidade brasileira, temos um trabalho de folego que é uma sequência do primeiro dossiê publicado pela REA e organizado por nós, “Estudos da branquitude e suas interfaces”³, com perspectivas e formações diversas, interdisciplinares, mas focados na subversão à ordem canônica estabelecida.

Desejamos que após a leitura não sejamos mais os mesmos, provoquemos micro revoluções em nossos espaços, em nossas mentes, questionamentos que revertam e promovam o sacudimento da ordem estabelecida. Estamos prontos?

³ Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/1886>.